

estudos e de sua origem sócio-econômica. Deve-se valorizar seu esforço, a perseverança em seu processo de desenvolvimento, e mesmo os pequenos avanços.

Cabe-nos examinar até que ponto assumimos no plano educacional compromissos que são coerentes com nossa jornada pelo caminho da sabedoria. O caminho da sabedoria está disponível, e é preciso conhecer a sua existência. É possível abrir as portas para percebê-lo, trilhá-lo e vivenciá-lo. Se queremos realmente progredir, cabe optar pelo estudo assíduo, com perseverança e sinceridade. É recomendável abolir de nossa existência tudo que contradiz a verdade.

Enquanto prosseguimos com este trabalho, como podem os educadores dar apoio para que os alunos tenham autoconfiança e determinação? Como podem incentivar a autonomia e os seus talentos? Como contribuir para o estado de concentração, harmonia e cooperação entre os alunos, ao invés de repetir as meras formas externas?

Educar é tornar possível a cada ser a percepção da luz e da força existentes nele mesmo. É aprender a intensificar a existência, e dar-lhe sentido.

Carlos Aveline escreveu, referindo-se a Paulo Freire:

“Pensador socrático, ele apoiou sua pedagogia sobre o diálogo. As bases do seu pensamento estão na Grécia antiga. Grande erudito, ele vai além dos livros. Ele ensina que devemos recriar a cada momento o nosso conhecimento da realidade, em um processo aberto de diálogo e investigação, em que não devem faltar nem a coragem nem a humildade.” [2]

E Leonardo Boff, um dos principais criadores da Teologia da Libertação, afirmou:

“A importância de Paulo Freire foi de ter mostrado que o oprimido jamais é somente um oprimido. É também um criador de cultura e um sujeito histórico, que, quando conscientizado e organizado, pode transformar a sociedade. (...) O processo de libertação implica fundamentalmente uma pedagogia. A libertação se dá no processo de afastamento do opressor que carregamos dentro e na constituição da pessoa livre e libertada, capaz de relações geradoras de participação e de solidariedade. (...)” [3]

Em seu livro “A Chave Para a Teosofia”, Helena P. Blavatsky apresenta a seguinte proposta para a educação:

“Reduziríamos o trabalho puramente mecânico da memória a um mínimo absoluto e dedicaríamos todo o tempo ao desenvolvimento e treinamento dos sentidos internos, das faculdades e das capacidades latentes. Nós nos empenharíamos em lidar com cada criança como uma unidade, educando-a de modo a produzir o desabrochar mais harmonioso e equilibrado de seus poderes, para que suas aptidões especiais se desenvolvam natural e plenamente. Deveríamos ter como objetivo a criação de homens e mulheres *livres* - livres intelectualmente, livres moralmente, sem preconceitos de qualquer natureza e, acima de tudo, não egoístas. E acreditamos que muito, se não tudo isso, poderia ser conseguido através de uma educação *apropriada e verdadeiramente teosófica*.” [4]

Um sistema muda quando as pessoas dentro do sistema mudam. Que espaço melhor para começar o trabalho do que o espaço compartilhado com as novas gerações?

NOTAS:

[1] “Os Limites da Infância”, artigo que pode ser localizado através da [Lista de Textos por Ordem Alfabética](#) em www.FilosofiaEsoterica.com .

[2] “Conversas na Biblioteca, Um Diálogo de 25 Séculos”, Carlos Cardoso Aveline, Editora Edifurb, SC, p. 156.

[3] Citado em “Conversas na Biblioteca”, na mesma página 156 mencionada na nota anterior.

[4] “A Chave Para a Teosofia”, H. P. Blavatsky, Editora Teosófica, p. 232-233.

00000

A educadora mineira [Regina Maria Pimentel de Caux](#) é licenciada em Pedagogia, e tem Pós-graduação em [Processo Ensino-Aprendizagem](#) e [Psicopedagogia](#).

00000

A Impessoalidade Vê Além da Carapaça Ser Imparcial é Respeitar a Verdade dos Fatos

Evaldo Berwig

Impessoalidade é despir-se da carapaça da personalidade, quando a aproximação com a alma imortal cria condições para assimilar a verdade do coração.

Impessoalidade é imparcialidade, é ir além das afinidades pessoais, é defender a verdade em quaisquer circunstâncias.

A compreensão da imparcialidade proporciona o cuidado necessário nas questões que exigem, além do discernimento, a superação de tendências que surgem a partir de manobras da mente emocional, quando ela quer decidir por si, através da simpatia ou da antipatia em relação aos indivíduos envolvidos no processo. As necessidades abrem possibilidades no sentido de ir além dos conceitos de “amigo” e de “inimigo”.

As dificuldades nos relacionamentos são possibilidades de aprendizado através do significado oculto das situações. Só aprende a conhecer a si mesmo aquele que aprende a conhecer os outros. A compreensão através da auto-observação e da observação dos seres mais próximos facilita a correção dos erros e a aceitação da realidade.

O rompimento das relações de amor e afeto traz consigo grandes desafios. Não é raro que as pessoas percam uma preciosa oportunidade de aprenderem com as situações difíceis. O conhecimento dá certeza de que o término de qualquer relacionamento não é o fim, e leva a decisões mais acertadas em relação à continuidade da vida.

compreende que estas são todas cerimônias de sacrifício. A primeira cerimônia é esta que estou comentando. A mais aguda satisfação, o sofrimento mais amargo, a angústia da perda, e o desespero são despertados na alma trêmula, que ainda não encontrou a luz na escuridão, e que está tão indefesa como um cego. E até que estes choques possam ser suportados sem perda de equilíbrio, os sentidos astrais devem permanecer fechados. Assim estabelece a lei da compaixão. O “médium” ou o “espírita” que se apressa a ingressar no mundo do psiquismo sem a devida preparação é alguém que vai contra a lei, alguém que desobedece às leis da super-natureza. Quem contraria as leis da Natureza perde a saúde física; quem contraria as leis da vida interior, perde a saúde psíquica. Os “médiuns” se tornam loucos, se suicidam, se transformam em criaturas miseráveis e destituídas de sentido moral. Frequentemente terminam como descrentes, duvidando até mesmo daquilo que os seus próprios olhos viram. O discípulo é levado a se tornar o seu próprio mestre antes de aventurar-se por este terreno perigoso, e antes de tentar ficar frente a frente com os seres que vivem e trabalham no mundo astral, aos quais nós chamamos de mestres, por causa do seu grande conhecimento e da sua capacidade de controlar não só a si mesmos, mas as forças ao seu redor.

A condição da alma que vive para a vida de sensações e não para a vida de conhecimento é uma condição vibratória ou oscilante, e não fixa. Esta é a representação literal mais aproximada do fato; mas só é literal para o intelecto, e não para a intuição. É necessário um outro vocabulário para esta parte da consciência humana. A ideia de “condição fixa” pode ser, talvez, substituída pela ideia de “estar em casa”. No mundo das sensações, nenhuma “casa” permanente pode ser encontrada, porque a mudança é a lei desta existência vibratória. Este é o primeiro fato a ser aprendido pelo discípulo. É inútil parar e chorar por causa de uma cena em um caleidoscópio que já mudou.

Bulwer Lytton abordou com grande força o fato bem conhecido de que a primeira experiência do neófito em Ocultismo é uma tristeza insuportável. Uma sensação de vazio cai sobre aquele que faz do mundo algo sem valor e da vida um esforço inútil. Isso ocorre após a sua primeira contemplação séria do abstrato. Ao ver, ou mesmo ao tentar ver o mistério inefável da sua própria natureza superior, ele faz com que a provação inicial caia sobre si. A oscilação entre prazer e dor deixa de ocorrer, talvez durante um só instante; mas isso é o suficiente para que ele se liberte das amarras que o ligavam ao mundo da sensação. Ele experimentou, mesmo que brevemente, a vida maior; e a partir de então a existência convencional é acompanhada por uma sensação de irrealdade, de vazio, de uma negação horrível. Este é o pesadelo que acompanha o neófito no romance “**Zanoni**”, de Bulwer Lytton. E mesmo o próprio Zanoni, que havia aprendido grandes verdades, e a quem grandes poderes haviam sido confiados, ainda não havia passado de fato pelo limiar no qual medo e esperança, desespero e contentamento, parecem num momento realidades absolutas e no momento seguinte meras fantasias.

Esta provação inicial é frequentemente trazida até nós pela própria vida. Porque afinal de contas a vida é o grande instrutor. Voltamos a estudar a vida depois que adquirimos poder sobre ela, assim como o professor de Química aprende no laboratório mais do que o seu aluno. Há pessoas tão próximas ao portal do conhecimento que a própria vida as prepara para o conhecimento, e ninguém precisa invocar o terrível guardião da entrada. Tais indivíduos devem ser naturalmente perspicazes e fortes, capazes do prazer mais intenso. Em seguida surge o sofrimento e cumpre o seu grande dever. As formas mais intensas de dor caem sobre tais indivíduos, até que finalmente eles emergem do estupor em que estavam as suas consciências, e, pela força da sua vitalidade interna, avançam através do limiar até um lugar de paz. Então a vibração da vida perde o seu poder de dominação. A natureza sensível ainda

deve sofrer, mas a alma se libertou e permanece afastada, guiando a vida na direção da sua grandeza. Aqueles que estão sujeitos ao Tempo e atravessam lentamente todos os seus espaços vivem através de uma longa série de sensações, e sofrem uma constante mistura de prazer e dor. Eles não se atrevem a dominar e vencer a cobra do eu inferior, o que os tornaria divinos. Preferem continuar afligindo-se ao longo das várias experiências, e sofrendo golpes das forças contraditórias.

Quando um destes indivíduos sujeitos ao Tempo decide entrar no caminho do Ocultismo, esta é sua primeira tarefa. Se a vida ainda não a ensinou a ele, se ele não for suficientemente forte para ensinar esta tarefa a si mesmo, e se ele tem força suficiente para pedir e merecer a ajuda de um mestre, então esta temível provação, descrita em “Zanoni”, é colocada diante dele. A oscilação em que ele vive é por um instante eliminada; e ele tem que sobreviver ao choque de enfrentar o que lhe parece à primeira vista ser o abismo do nada. Só quando ele tiver aprendido a viver neste abismo, e quando tiver encontrado a paz deste abismo, será possível que seus olhos se tornem incapazes de lágrimas.

A dificuldade de escrever de maneira compreensível sobre estes assuntos é tão grande que eu peço a quem tiver lido este artigo com algum interesse e ainda permanecer com dúvidas e perplexidades que me escreva através da seção dedicada aos leitores desta revista. [1] Faça este pedido porque as perguntas bem formuladas são tão úteis para o leitor quanto as respostas a elas.

NOTA:

[1] O artigo acima foi publicado inicialmente na edição de Setembro de 1887 da revista “Lucifer”, de Londres. A palavra latina “Lúcifer”, como se sabe, significa “portador da luz” e designa o planeta Vênus, a “estrela d’alva”. Desde a idade média, o termo tem sido distorcido por sacerdotes desinformados, e é usado até hoje como pretexto para perseguir aqueles que ousam questionar os dogmas impostos pelo Vaticano.

A FELICIDADE

Um Capítulo do Dhammapada Budista

000

Reproduzimos a seguir o capítulo 15 da obra clássica “**O Dhammapada**”, que está disponível na íntegra no website www.FilosofiaEsoterica.com.

000

1. Devemos viver, pois, livres do ódio e felizes entre os que odeiam. Entre os homens que odeiam, que nós vivamos livres do ódio.

2. Devemos viver, pois, livres da doença da cobiça e felizes entre os que sofrem desta doença. Entre os homens que têm a doença da cobiça, que vivamos livres desta doença.

3. Devemos viver, pois, livres da ansiedade e felizes entre os que estão consumidos pela preocupação. Entre os ansiosos, que nós vivamos livres da ansiedade.
4. Devemos viver com felicidade, pois, nós que nada possuímos. Vivamos como os Seres Iluminados, alimentados pelo contentamento. [1]
5. A vitória cria o ódio; os derrotados permanecem no sofrimento; mas o homem tranquilo vive com felicidade, sem dar atenção a vitória ou derrota.
6. Não há fogo comparável à luxúria; não há mal comparável ao ódio; não há sofrimento comparável à existência pessoal [2] ; não há paz superior à tranquilidade.

[Nota:]

A existência pessoal é, no texto original, a combinação dos cinco skandhas. Eles são: (1) Corpo; (2) Sensação; (3) Percepção; (4) Tendências da Mente; e (5) Poderes Mentais (ampliação do anterior).

7. A fome do desejo é a pior das doenças, a existência pessoal é o pior dos sofrimentos. Para alguém que sabe realmente disso, o Nirvana é a mais alta bem-aventurança.

[Nota:]

O termo “fome” neste versículo, assim como o termo “saúde” no versículo 204, não se referem apenas ao plano físico, mas também à fome e à saúde psíquicas e mentais. “Samkhara” é o quarto dos cinco skandhas, mas o termo é usado aqui como “existência pessoal”. As tendências mentais são a base inicial da personalidade.

8. A saúde é o maior dos presentes; o contentamento é a maior das riquezas; a confiança é o melhor dos relacionamentos; o Nirvana é a mais alta felicidade.
9. Aquele que experimenta a doçura da solidão e o sabor da tranquilidade fica livre do pecado e do medo; e tem acesso ao néctar divino da Boa Lei.
10. É benéfico ver algo dos Seres Nobres; viver com eles é uma contínua felicidade. O homem é feliz se tem a sorte de ser ignorado pelos tolos.
11. Quem se relaciona com tolos enfrenta grande prejuízo. A companhia de tolos é como a companhia de inimigos – produz sofrimento. A companhia de sábios é como encontrar um membro querido da família – produz felicidade.
12. Portanto, assim como a Lua segue o seu caminho entre as estrelas, nós devemos seguir os sábios, aqueles que têm discernimento, que têm conhecimento, que são constantes, que cumprem o seu dever, os nobres. Devemos seguir tais indivíduos.

NOTAS:

[1] É interessante comparar os quatro versículos anteriores com a bem conhecida “Oração de São Francisco”. A oração diz: “Onde houver ódio, que eu leve o amor; onde houver ofensa,

Estas questões surgem porque muitas pessoas têm alimentado pontos de vista absurdos sobre os Chelas já há algum tempo, e, quando chegou-se à conclusão de que era necessário mudar tais visões, a reação em vários casos foi bastante violenta.

A palavra “Chela” significa simplesmente “discípulo”, mas ficou cristalizada na literatura teosófica, e recebe nas diversas mentes tantas definições diferentes quanto a própria palavra “Deus”. Algumas pessoas chegaram ao ponto de dizer que quando alguém é um Chela é imediatamente colocado num plano em que cada palavra dita por ele é imediatamente encarada como uma palavra vinda de uma autoridade, e ele não possui mais o privilégio de falar como uma pessoa comum. Quando fica claro que alguma coisa foi dita por ele mesmo, por sua própria conta e risco, o Chela é acusado de enganar aqueles que o ouviram.

Esta ideia errada deve ser corrigida de uma vez por todas. Há Chelas e Chelas, assim como há MAHATMAS e MAHATMAS. Há MAHATMAS que, na verdade, são eles próprios Chelas de seres ainda mais elevados. Mas ninguém pode confundir, nem por um instante, um Chela que começa a sua arriscada viagem com aquele Chela maior que é um MAHATMA.

Na verdade o Chela é um homem infeliz que ingressou num “caminho não-manifestado”, e Krishna diz que “este é o mais difícil dos caminhos”.

Ao invés de ser o constante porta-voz do seu Guru, ele percebe que está mais sozinho no mundo do que aqueles que não são Chelas. O seu caminho é rodeado de perigos que provocariam desânimo em muitos aspirantes, se fossem descritos tal como são; de modo que ao invés de aceitar seu Guru e ser aprovado em seu exame de admissão, tendo como meta a sua qualificação em filosofia oculta sob o constante conselho solidário do seu Mestre, ele na realidade força o seu caminho até um local protegido, e desde este momento deve lutar e vencer - ou morrer. Ao invés de aceitar, ele deve ser digno de ser aceito. Ele não deve oferecer-se. Um dos Mahatmas escreveu, há menos de um ano [1]: “Nunca se imponha a nós como candidato ao Chelado; espere que o Chelado desça sobre você.”

Uma vez que foi aceito como Chela, não é verdade que ele seja apenas um instrumento do seu Guru. Ele continua falando como um homem comum, assim como fazia antes, e é somente quando o mestre manda através do magnetismo do Chela uma carta fisicamente escrita que os observadores podem dizer que houve uma comunicação através do Chela. [2]

Assim como ocorre ocasionalmente com qualquer autor, os Chelas talvez façam afirmações verdadeiras ou belas; mas não se deve concluir, por causa disso, que naquele momento o Guru estava falando através do Chela. Quando há a semente de um bom pensamento na mente, a influência do Guru, tal como a suave chuva sobre o solo, pode fazer com que a semente germine, surgindo para a vida e florescendo de modo extraordinário. Mas esta não é a voz do mestre. Na verdade, são raros os casos em que os mestres falam através de um Chela.

Os poderes dos Chelas variam de acordo com o progresso feito por eles. E todos devem saber que se um Chela possui quaisquer “poderes”, ele não tem a permissão de usá-los salvo em casos raros e excepcionais, e jamais pode contar vantagem sobre o fato de que os possui. Em consequência disso, aqueles que são apenas iniciantes não têm mais poderes do que um homem comum. A meta do Chela não é obter poder psicológico. Sua principal tarefa é libertar-se do sentido dominante de personalidade, o grosso véu que o impede de enxergar sua parte imortal - o verdadeiro ser humano. Enquanto permitir que este sentimento permaneça, ele ficará preso ao portal de ingresso no Ocultismo, incapaz de avançar mais além.

Assim, o sentimentalismo não faz parte dos equipamentos do Chela. Sua missão é árdua, seu caminho cheio de pedras, e o local de destino está muito afastado. Tendo apenas sentimentalismo, ele não pode dar um passo adiante. Ele espera que o mestre o convide a mostrar sua coragem atirando-se desde um precipício, ou desafiando as frias altitudes dos Himalaias? Essas são falsas esperanças; os mestres não o chamarão desta maneira. Em consequência disso, assim como ele não deve vestir-se de sentimentalidade, o público, ao observá-lo, tampouco deve lançar um falso véu de sentimentalismo sobre todas as suas ações e palavras.

É recomendável, portanto, usar um pouco mais de discernimento em relação aos Chelas.

NOTAS:

[1] “Há menos de um ano”; estas palavras foram publicadas em outubro de 1884.

[2] Esta frase era válida para as condições reinantes na década de 1880. Desde o ano de 1900, cessou toda comunicação verbal ou visual entre Mestres e discípulos leigos, ou entre Mestres e o público. Os Mestres transmitiram ensinamentos suficientes; o movimento teosófico deve erguer-se agora por mérito próprio, com base numa leitura correta do ensinamento original.

Robert Crosbie:

O Carma Cria Oportunidades

Se o candidato [à sabedoria] possui fé, sabedoria e confiança, ele realmente não terá que esperar muito. Há uma coisa que deveria ser lembrada no meio de todas as dificuldades, e é o seguinte: “Quando a lição é aprendida, a necessidade desaparece”.

Devemos saber que o Carma não castiga; ele simplesmente cria a oportunidade para o ajuste. Ninguém pode lançar nosso carma sobre nós, e tampouco alguém gostaria de fazer isso. De modo que, seja o que for que aconteça, é bom lembrar que foi causado por nós mesmos, precipitado por nós mesmos, e que pode ser enfrentado por nós mesmos.

(Trecho da obra “The Friendly Philosopher”, de Robert Crosbie, Theosophy Company, Los Angeles, 1945, ver p. 10.)

Novos Textos em FilosofiaEsoterica.com

Este é o relatório de www.FilosofiaEsoterica.com e websites associados, válido para 17 de setembro.

O total de textos em espanhol é de 29. Em inglês, são 374 textos. Em língua portuguesa há 672 itens. O conjunto dos três idiomas soma 1075 itens.

Nas últimas quatro semanas, foram retirados de nossos sites dois textos. Um deles é “*O que é o SerAtento*”, de “Um Estudante de Teosofia”, que foi retirado por haver sido revisado,

